Vida MUNDIAL Ilustrada

ANO I — N.º 15 — 28 DE AGÔSTO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

DEPOIS DE ALGUNS DIAS DE PERMANÊNCIA EM LISBOA, E NA PAREDE, partiram para a América do Norte 45 crianças polacas, alemãs, austríacas e uma russa — fugidas aos horrores da guerra. A foto mostra-nos algumas das mais pequeninas refugiadas no momento em que embarcavam a bordo do «Mousinho».

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
F. CARVALHO HENRIQUES
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

PORTUGAL 1941

crónica por Alice Ogando

POESIA ETERNA

Dia a dia, hora a hora, a humanidade vai desejando acreditar, com maior intensidade, que a verdadeira vida, a dos fortes e dos vitoriosos, é feita à margem da poesia, uma coisa pueril, quási **fim de raça**, que amolece os homens, quebrando-lhes a energia e obrigando-os a refugiarem-se na ilusão, como único abrigo seguro.

O realismo — que pode ser, afinal, ainda uma bela e pura página — adquiriu rudeza em prejuízo do belo; a-fim-de escorraçar a poesia, calam sentimentos bons, puros, ternos, para que êles não tenham, como tudo que é beleza, a sonoridade de um verso. O homem aprendeu o sorriso de desdém; a mulher mascarou a boca com o esgar da ironia, e assim, julgam-se fortes porque mataram a poesia.

Mas eis que, sôbre o palco onde se joga a maior tragédia de todos os tempos, dois grandes actores, afeitos ao grito de guerra, murmuraram uma prece de paz. E a poesia triunfa mais uma vez!

Roosevelt-Churchill, cujas mãos firmes e poderosas pretendem defender a paz do mundo, encontraram-se poeticamente no mar alto para falarem!

No mais encarniçado segundo da grande luta, êles prometeram a paz; na hora mais intensa do ódio, pregaram amor; no momento da iniqüidade proclamaram justiça!

O presidente da grande América e o primeiro ministro inglês, dois Homens com H maiúsculo, um H com que se poderia escrever **Humanidade**, juntaram-se para trocarem palavras. Mas que outra coisa podia ser! Juntaram-se para apertarem as mãos e jurar colaboração estreita — em momento de poesia. Mas, que mais podia ser? Falaram de amor para matar nas suas almas o germe do ódio — poesia pura. E que mais podia ser?

Mas também êles pensaram que a poesia não se sente, que não é palpável, que se pode mascarar com a rudeza da forma, e lavraram as conclusões do seu encontro... em prosa.

Vejamos, ràpidamente, alguns momentos das declarações que simbolizam as aspirações Anglo-Americanas.

Já a palavra «aspiração» é bem uma palavra lírica!

E ei-los que sonham, e de tal modo é lírico êsse sonho que nem a dureza da forma lhe altera a essência.

A cavalgada heróica começa. Grandes homens e crianças, ébrios de ilusão, êles ditam com solenidade:

«Cada país viverá sob a forma que desejar viver.

Respeitando obrigações tomadas, diligenciarão tornar acessíveis a todos os Estados, grandes ou pequenos, vencidos ou vencedores, condições gerais que lhes assegurem a prosperidade económica.

Que a todo o mundo seja assegurado um nível de trabalho melhorado, progresso e segurança social.

Quando a vitória chegar, será estabelecida a paz que ofereça segurança a tôdas as nações dentro das suas fronteiras, garantindo aos homens de todos os países uma vida de liberdade isenta de receios e privações.»

Ao ler tudo isto, um conto maravilhoso, sinto-me criança, escuto doce voz que me embala, e esta, não tem o som belo e musical da voz feminina, mas sim um som vibrante e não menos embalador.

De tal forma, que o sonho continua:

«Que — oh! sublime crença, como tornas divinamente simples os homens! — tôdas as nações do mundo virão a abandonar o emprêgo da fôrça (até por ordem espiritual) visto que a paz, de futuro, não poderá ser mantida se os armamentos em terra, no mar e no ar continuarem a ser a ameaça.»

Acreditam, finalmente, no desarmamento das nações e — admirável desejo nunca alcançado desde que os homens lutam pela conquista da terra do vizinho — «poderem aliviar os povos desejosos de paz, do pêso esmagador do armamento!»

É admirável como, justamente agora, quando o mundo se estorce nas garras da tragédia, êstes dois homens podem encontrar fôrça na poesia, tal como os mártires e os santos a encontraram na Fé!

A religião é a grande fôrça, qualquer que ela seja!

Com o bordão aparentemente frágil do sonho, o homem pode enobrecer-se, agigantar-se, vencer-se e, o que é mais, vencer!

Para muita gente, para quási tôda a gente que usa julgar, do encontro do presidente americano e do primeiro ministro inglês, resultou isto apenas: palavras.

Mas, para mim, talvez porque não aprendi ainda a ser homem, o encontro teve um maior valor: o valor de um verso.

Quando dois homens desta envergadura se reúnem para sonhar, é porque a beleza, a poesia da alma não desapareceu tal, é porque, dentro do homem que luta, vive uma criança que sonha, ansiosa de paz, e a criança que sonha é mais poderosa que o homem que luta.

Paz, felicidade, amor, igualdade, desarmamento, eis a promessa risonha. A própria Inglaterra quere que a sua democracia salte fronteiras, que seja democracia em pensamentos, palavras e obras. A América que **conta**, foi num momento, uma América que canta um lindo verso de amor.

O cenário majestoso do mar foi o pano de fundo da grande cena, nesse inolvidável instante político em que dois homens, símbolos da fôrça e da decisão, em que duas almas de aço, embaladas pelas vagas, puderam realizar o milagre da poesia.

O encontro Roosevelt-Churchill ficará na história como um momento eterno, mostrando o triunfo da poesia, da ilusão, sôbre a alma humana.

E eu acredito na poesia, creio no sonho como na mais bela verdade da vida.

Só o mar gigante e sem alma poderá ter sorrido de incompreensão. E, desta vez, o mar ainda não é justo. Para que embala êle tão bem, se ri depois do sonho!

Não, Oceano imenso, tu não és mais forte do que êsses homens que escolheram o seu esplendor para se abrigarem à sombra de uma ilusão, para poderem embriagar-se de sonho e de poesia!

Os mais fortes foram êles, Oceano, e senão... tu verás.

CARTA DE UM LEITOR

Tôda a gente que escreve para o público recebe cartas de desconhecidos, a dizer bem e mal, e, às vezes, a não dizer nada.

Eu também as recebo e uma acaba de chegar que me coloca numa embaraçosa situação. Pedem-me nela uma coisa, tão difícil de dar como dinheiro: conselhos.

Mas, o melhor, é transcrever a carta:

«Minha senhora:

Sou uma pessoa que se admira e o confessa sem falsa modéstia. Não atingi ainda os píncaros da celebridade mas lá chegarei, não sou homem para me preocupar com escrúpulos tolos.

Vou-me lançar nas letras.

Compreendo perfeitamente que, se me dessem um jornal para dirigir, podia tratar de mim, sem dispêndio, mas também não ignoro que, por agora, isso é impossível. Sou, e serei por mais uns meses, um desconhecido.

Disponho de determinada quantia e quero fazer um jornal, onde, tal como os passos do Senhor, seja dada ao público a nota detalhada da minha vida e obra, onde se leia o que eu penso do livro que vou publicar e o que pensam dêle as pessoas... que pensam bem. Que diz da minha ideia?

Sai o livro e eu reservo-lhe, nem que em vez de uma guerra na terra haja outra no céu, metade da primeira página. Viajo; ocupo com êsse relato duas colunas; penso, e vai nisso coluna e meia. Está feito o jornal.

Tenho um amigo sorna e sensaborão, um tipo que já nasceu velho. Ao expor-lhe a minha ideia, bradou, colérico:

— Idiota! Não vês que se vão rir de ti! Ser rei na nossa própria casa é bem pouco. E depois, tratando tão bem de ti, o que reservas aos outros que valham mais do que tu?

A isto respondeu, convicta, a minha consciência:

— Ninguém vale mais do que eu!

Um outro amigo, pessoa mais capaz, inteligente, criatura de acção, aconselhou-me, batendo-me no ombro:

— Fazes muito bem, não sejas idiota, mata os escrúpulos. Faze o que vires fazer. A guerra e tu, são assunto bastante para um jornal, e depois sempre há o seu crimezinho para amenizar... Navega rapaz, navega, e chegarás ao pôrto do Destino, de um grande destino!

Opus então a réplica do meu primeiro amigo:

— E os outros?

Mas, êle, exclamou, convicto:

— O momento é grave de mais para lerem o que te diz respeito, mas basta os títulos, o teu nome ficará no ouvido... e sempre mostras que podes... Pelo menos, respeitam-te...

Nisto é que eu não acreditei muito...

Minha senhora, eis aqui o conselho diferente de dois homens. Queria agora o de uma mulher antes de resolver. Quere dar-mo?

Agradece-lho muito o

X.»

Aqui vai a resposta:

«Meu caro senhor:

O seu primeiro amigo deve estar fora da razão. Quanto ao que lhe aconselha o segundo, que aquilo se faz, isso faz. Gaste você quatro tostões por dia e aprenderá, sem esfôrço e sem grande dispêndio, a arte do auto-elogio, do auto-réclamo. Mas, se seguir o exemplo, não core, que não vale a pena. O homem pensa tão mal do semelhante, considera-o sempre tão pouco inteligente, que já pode fazer tudo isto sem corar.»

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Vida PORTUGUESA

HÁ 50 ANOS QUE SE INAUGUROU A PRAÇA DE TOUROS DO CAMPO PEQUENO. Um aspecto da comemoração.

A TRADICIONAL FESTA DO SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES efectuou-se em Paço de Arcos com grande brilhantismo e extraordinária concorrência de fiéis. O padroeiro da população marítima da terra foi aclamado com entusiasmo durante a majestosa procissão que ali se efectuou e de que damos um aspecto na foto acima publicada. À festa presidiu o sr. bispo de Heliopolis. No domingo passado, efectuou-se ali uma grandiosa festa de regatas também tradicional, pois realiza-se já desde 1852.

O PRIMEIRO MAQUINISTA DO «FRANKFURT», em nome dos seus camaradas — náufragos salvos pelo «Vouga» — entrega ao comandante daquêle contra-torpedeiro português uma caravela de filigrana como reconhecimento.

O **«DIA DO BOMBEIRO»** foi comemorado agora em Lisboa e noutros pontos do País com diversas cerimónias, cujo principal objectivo foi o de recordar e consagrar, mais uma vez, os bombeiros mortos em cumprimento do dever, desde o mais humilde ao mais graduado. A foto mostra-nos um aspecto da romagem no cemitério dos Prazeres, onde se reüniram viaturas e bombeiros dos Voluntários de Lisboa, Ajuda, Lisbonenses, Campod e Ourique, Cruz da Malta e Batalhão de Sapadores.

CINQÜENTA E DUAS CRIANÇAS ESPANHOLAS — 34 RAPAZES E 18 RAPARIGAS — RESIDENTES EM LISBOA partiram para Espanha, a-fim de gozarem 20 dias de férias. Foram acompanhadas por alguns dirigentes da «Falange» e instalar-se-ão nos acampamentos da «Frente da Juventud», em Tarragona e no Escorial, respectivamente destinados a alojar raparigas e rapazes

(Fotos feitas com películas «Ferrânia»)

PORTUGAL, PAÍS NEUTRAL, é uma nação que sabe honrar a sua posição e as suas amizades. No meio duma Europa convulsionada, a sua conduta é apontada, bastas vezes, como exemplo de equilíbrio e bom senso, de bom govêrno e boa doutrina. Couraçado por oito séculos de civilização, cioso duma soberania que não admite alienações, o país tem sabido merecer o respeito de todo o Mundo. Lisboa tornou-se uma cidade-refúgio, uma janela aberta sôbre o Universo. Tôdas as ideias sãs, todos os homens têm nela um lugar e um apêrto de mão amigo, venham de onde vierem. As fachadas das suas casas de venda dos jornais são mostruários do pensamento e da actualidade de todos os povos e de todos os continentes.

NO ROSSIO, praça central da cidade, coração da capital, há, sem atritos, nem malquerenças, duas montras de objectivos opostos. Aqui, a Alemanha fala...

... **AQUI EXPÕEM-SE** «as verdades inglêsas». O povo passa, observa e segue. Não se discute, nem se comenta; verifica-se. E a vida portuguesa prossegue...

UM TRANSEUNTE decide-se a comprar uma revista de propaganda inglêsa . . .

. . . NO MESMO LOCAL, outro adquire uma publicação de propaganda alemã.

REX

O ídolo das plateias SHIRLEY TEMPLE

GENTE NOVA!

Numerosos episódios cómicos!

Charlie Chan no Panamá

Um filme cheio de interêsse

O Cinema mais fresco de Lisboa

ESCUTAI ROMA

(Centro rádio imperial da «EIAR»)

NOTICIARIO EM LINGUA PORTUGUESA — TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Postos	Ondas curtas
12,00 às 12,25	2 RO 6	m 19.61 (kcs 15300)
	2 RO 8	m 16.84 (kcs 17820)
13,15 às 13,15	2 RO 8	m 16.84 (kcs 17820)
	2 RO 4	m 25.40 (kcs 11810)
22,09 às 23,00	2 RO 4	m 25.40 (kcs 11810)
	2 RO 3	m 31.15 (kcs 9630)
	2 RO 11	m 41.55 (kcs 7220)
às 0,16	2 RO 4	m 25.40 (kcs 11810)
	2 RO 3	m 31.15 (kcs 9630)
QUINTA—SABADO às 15,55	2 RO 14	m 19.70 (kcs 15230)
às 1,30	2 RO 4	m 25.40 (kcs 11810)
	2 RO 3	m 31.15 (kcs 9630)

Comunicados do Quartel General Italiano em português

„Allô, Portugal! Aqui Alemanha."

„Fala a emissora alemã de ondas curtas."

NOTICIARIO EM LINGUA PORTUGUESA

(TODOS OS DIAS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS.
16.15 às 16.30	DXH	20.15	14.460
	DZE	24.73	12.130
	DXR	19.70	15.180
18.45 às 19.00	DJD	25.49	11.770
	DJC	49.83	6.020
20.30 às 20.45	DJQ	19.63	15.280
21.30 às 21.45	DJQ	19.63	15.280
	DZC	29.16	10.290
21.45 às 22.00	DJD	25.49	11.770
	DJC	49.83	6.020
0.00 às 0.15	DJQ	19.63	15.280
	DZC	29.16	10.290
	DZE	24.73	12.130
2.00 às 2.15	DZC	29.16	10.290
	DZE	24.73	12.130

ACTUALIDADES EM LINGUA PORTUGUESA

(TODOS OS DIAS UTEIS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS.
22.30 às 22.50	DJQ	19.63	15.280
	DZC	29.16	10.290
	DZE	24.73	12.130
	DJQ	19.63	15.280
	DZC	29.16	10.290
	DZE	24.73	12.130
	DZC	29.16	10.290
	DZE	24.73	12.130

B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.

FALA

E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de verão		Estações	Ondas curtas
13.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21,64 mc/s)
13.30	Actualidades	G S O	19.76 m. (15,18 mc/s)
		G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*)	Noticiário	*G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
22.15	Actualidades	G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
		G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V.

(Continua).

NOS JORNAIS E NO LAR, dá-se guarida a todos os anúncios e a tôdas as emissões.

. . . E O JUSTO EQUILÍBRIO encontra-se sempre nas publicações sem objectivos de propaganda, apenas documentários do que vai pelo mundo . . .

CALÇADA DA GLÓRIA

ORIGENS

ERA velha a questão de saber o que teria nascido primeiro: se a galinha — se o ôvo. A questão acaba de solucionar-se agora: nem foi o ôvo, nem a galinha: foi o galo. Pelo menos a acreditar no sábio norueguês que o afirmou.

CHAPÉUS DE PALHA

O nosso amigo António Maria Pereira, conhecido proprietário da livraria do mesmo nome, resolveu há dias comprar um chapéu de palha. Quando chegou a casa, com esta imprevista indumentária, um dos seus petizes gritou, alvoroçado:

— Venham ver o papá que chegou do Brasil!

AS LUVAS

AS luvas — afirma a sociologia — constituiram sempre a mais alta expressão social. Será isto exacto, mesmo quando alguns que as usam fazem a mão-baixa?

PARADOXO DA HONRADEZ

JÁ uma vez fui prêso por roubar trezentos mil réis! — confessava num grupo de amigos certo sujeito.

Mas logo justificou honestamente:

— Tinha no dia seguinte que pagar uma letra dessa importância e um comerciante honrado pode fazer tudo — menos deixar de pagar uma letra no dia em que ela se vence...

CARTÕES DE VISITA

REPRODUZIMOS o modêlo de cartão de visita que um nosso amigo distribuiu recentemente pelos pedintes das suas relações:

FRANCISCO BELISÁRIO
Subscritor do Albergue da Mitra

deseja muitas prosperidades a V. Ex.ª

O PRESENTE

CONTA-ME José Bruges de Oliveira:

— Um sujeito das minhas relações enviou, há dias, a uma rapariga que fazia anos, uma pulseira de metal amarelo. Resposta da rapariga: «Agradeço-lhe muito, embora reconheça que é um presente — sem futuro...».

TEMPERATURA

DIZIA-NOS, antes de ontem, um americano:

— Então o duque de Kent vai visitar Roosevelt...

— E que tem isso de extraordinário?

— Parece que as coisas começam a aquecer!

UMA PEÇA

AUGUSTO Santa Rita concluiu uma peça, aliás curiosa, cujo último acto se passa no céu e em que um dos personagens é o próprio Deus.

— Mas não será uma coisa teatralmente irreverente — preguntava alguém — pôr a falar Nosso Senhor?

— Seria — responderam-lhe — se a peça não fôsse escrita por Santa Rita...

A ALEGRE CREANÇA

Êsse homem que o autor dos «Galos de Apolo» retratou, um dia, com o seu fraque preto, o seu nariz volutuoso, o chapéu sôbre a face rosada e moça abrindo tôda em rugas divergentes, uma barbicha branca de fauno, olhos vivos, piscos, pequeninos, risonhos, ao mesmo tempo fulgurantes de ironia e húmidos de ternura — êsse homem é Schwalbach. Rafael Bordalo chamou-lhe um dia, na legenda duma caricatura, «A alegre criança». Impossível encontrar melhor expressão para definir Schwalbach. É isso mesmo. Em regra, os anos passam sôbre nós. Em Schwalbach, não. Em Schwalbach é êle que passa sôbre os anos, como sôbre a neve, deslisando, sorridente, vaporoso, de «badine» em punho, o monóculo luzindo na órbita perspicaz. Mesmo que um dia viesse a envelhecer, a velhice seria apenas para êle, semelhança do «ski», um mero desporto de inverno. Homem de teatro, da ponta do cabelo à medula dos ossos, passando do drama para a *farsa*, da opereta para a revista, da comédia de acção para a comédia de caracteres, com a fulgurante leveza duma borboleta que voasse de flor em flor, Schwalbach nunca deixou de ser, estruturalmente, — Schwalbach. No jornalismo como na política, na vida teatral como na vida doméstica, conservou-se sempre o que sempre foi: Schwalbach. Nunca quis ser mais nem menos do que isso. No fundo — no fundo e no cimo — é um eterno triunfador. Lisboa curva-se, ao vê-lo passar. Todos lhe sorriem — e êle sorri para todos. Ainda ontem, em pleno Chiado, emquanto conversávamos, num encontro fortuito, uma rapariga bonita lhe piscou o ôlho: tanto bastou para que Schwalbach a seguisse, de nariz no ar, como um autêntico D. Juan.

— Sabe quem é? — preguntou-me na rápida despedida.

— Não.

— É a Glória. A Glória, da Calçada...

E foi atrás dela, até à Calçada da Glória.

OPINIÕES

O autor da *Teoria da Indiferença* afirmou uma vez: — «Não tenho opinião sôbre mim. Deixo essa tarefa aos outros. Entre as opiniões formadas a meu respeito — alguma me há-de convir».

Ao contrário do que muitos julgam, aqui está um homem que deixa o seu crédito por mãos alheias.

AS REVOLUÇÕES

DE André Brun, num grupo de amigos, entre o fumo dos cigarros:

— A única classe que verdadeiramente aproveita com as revoluções, é a das lavadeiras. Além das lavadeiras, simpatizam com elas as mulheres casadas. Com a inevitável suspensão de garantias têm elas garantidos os suspensórios dos maridos logo depois das nove da noite.

O HOMEM ECONÓMICO

HERNANI Cidade acaba de publicar algumas cartas inéditas da Marquesa de Alorna. Livro interessantíssimo que o prefácio, página excelente, ainda valoriza. Transcrevemos duma das cartas publicadas estas frases: «O homem verdadeiramente económico é aquele que pelos meios mais fáceis, mais simples, se procura o maior número de satisfações; que, sem abuso dos seus cabedais, faz reinar a abundância na sua casa, e que, à fôrça de ordem, pode, do excedente das suas próprias precisões, acudir às alheias».

Excelente lição de economia dada por uma fidalga dona de casa!

O SILENCIOSO DESCONHECIDO

EM Quintela, tranqüilo lugarejo do concelho de Paços de Ferreira, apareceu recentemente um homem, à volta de quarenta anos, os cabelos em ondas, a barba negra, envolto numa larga túnica patriarcal, empunhando numa das mãos um molho de chaves e ostentando na outra uma tábua envernizada onde se liam algumas palavras gravadas na madeira. Não foi possível arrancar-lhe uma palavra. Se lhe davam dinheiro guardava-o — e sorria; se lhe preguntavam quem era, franzia o nariz — e abanava a cabeça. De todos os casais, acorreu gente para o ver. A sua bôlsa encheu-se ràpidamente, de moedas. Se não ficou rico, pouco menos. Tido por santo, fêz um sucesso. O seu mutismo foi a sua glória — e a sua fortuna. No momento em que pronunciasse uma simples palavra — tê-lo-iam corrido à pedra.

E agora digam que o silêncio não é oiro!

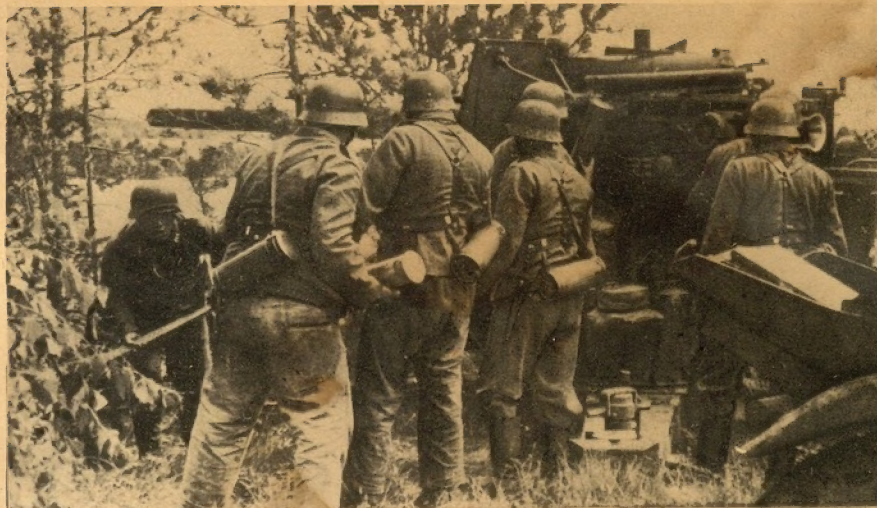
FLEUGMA BRITÂNICA

RECENTEMENTE, chegou a Gibraltar um oficial de marinha inglêsa. Vinha de Londres. Mal chegou, preguntaram-lhe pelos bombardeamentos na capital inglêsa.

— Bombardeamentos?

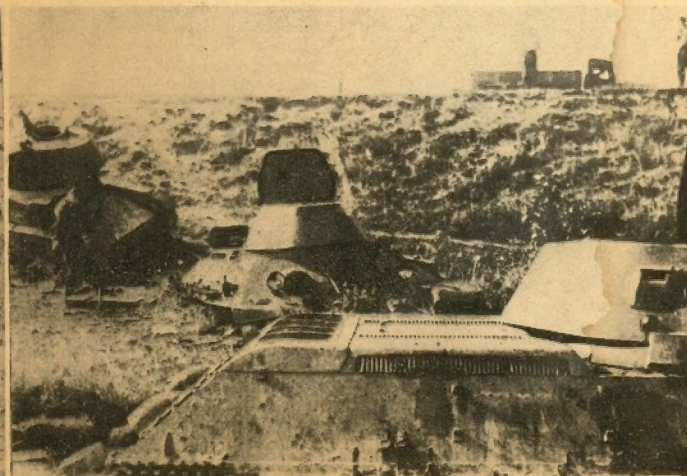
E depois dum silêncio:

— Ah! Sim! Li outro dia qualquer coisa no *Times* a êsse respeito... Mas creio que não têm tido importância de maior...

Luís d'Oliveira Guimarães

A campanha da RÚSSIA

NO ATAQUE À LINHA ESTALINE, as tropas do Reich empregaram tôdas as espécies de artelharia. A foto à esquerda mostra-nos uma peça anti-aérea fazendo fogo sôbre aquêle objectivo.

A INFANTARIA ALEMÃ VAI AVANÇAR PELA ESTRADA. É preciso, porém, fazê-lo cautelosamente e com boa defesa. É por isso que o seu avanço é protegido por esta peça anti-«tank», rodando à frente do destacamento.

FÔRÇAS ALEMÃS DE CAÇADORES DE MONTANHA capturaram, após violentos combates, três combóios blindados russos que transportavam grande quantidade de munições. Junto da linha, hàbilmente disfarçada, foi colocada uma peça anti-tank.

NUM SECTOR PRÓXIMO DO DNIEPER, NO SUL DA UCRÂNIA, travou-se grande batalha de «tanks», que provocou enorme desgaste de material. As duas fotos que publicamos acima mostram-nos alguns dos grandes carros de combate russos feridos pelo tiro certeiro da artelharia alemã e postos fora de combate.

o caso da semana

O que é o movimento da França Livre dirigido pelo general Charles De Gaulle

por Carlos Ferrão

A nova fase das relações diplomáticas entre os governos de Vichy e de Washington veio dar uma actualidade nova ao movimento da França Livre, fundada e dirigida pelo general De Gaulle. As personalidades políticas e militares mais categorizadas dêsse movimento foram já julgadas pelos tribunais franceses e condenadas a penas diversas e geralmente graves.

Dos antigos políticos franceses que orientaram a França durante o período final da Terceira República nenhum deu a sua adesão às iniciativas do general De Gaulle. Êste assumiu a responsabilidade inteira das reivindicações que simboliza e pelas quais se bate. À sua volta, agrupam-se algumas figuras conhecidas do Exército e da Armada e um número apreciável de indivíduos novos que procuram suprir, com a sua combatividade entusiástica, um passado de poucos anos.

São conhecidas as origens do movimento da França Livre. No dia seguinte ao da derrota, os franceses, impressionados pela rapidez e pela violência dum desastre que não tem precedentes na sua história, apareceram divididos. Uns julgavam que a cooperação com a Grã-Bretanha devia prosseguir, quaisquer que fôssem os sacrifícios e as dificuldades que essa cooperação viesse a implicar. Os partidários da tese da resistência pensavam que a causa da nação poderia continuar a ser defendida nas parcelas do Império que estavam livres da ocupação do vencedor.

Outros, pelo contrário, entendiam que era na metrópole francesa que o futuro da França se acautelava. Êste conflito de concepções e de sentimentos teve a sua expressão culminante num diálogo dramático que pôs frente a frente o antigo presidente da República, Albert Lebrun e o antigo chefe do govêrno, Pierre Laval. Os políticos estavam divididos mas dificilmente se decidiriam a atitudes extremas. Um grupo, pouco numeroso, chegou a embarcar no «Massilia» que se dirigiu a Casablanca. A maioria esmagadora dos parlamentares e dos antigos ministros permaneceu na metrópole aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

No fundo, havia os franceses que acreditavam na eficácia da resistência britânica, nos recursos imensos do Império britânico e na possibilidade duma intervenção activa dos Estados Unidos, e os que julgavam irremediàvelmente perdida a causa franco-britânica perante a afirmação retumbante duma superioridade esmagadora feita, em pouco mais dum mês de guerra relâmpago, pelas fôrças armadas do Reich. A proposta do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha para formar uma federação com os dois países aliados da véspera, não teve seguimento. O apêlo patético do chefe do govêrno francês, Paul Reynaud, ao Presidente dos Estados Unidos recebeu uma resposta platónica. Foi nesta atmosfera de febre e de angústia que o marechal Pétain assumiu o encargo de dirigir a nação e de negociar um armistício com o inimigo vitorioso.

O general De Gaulle encontrava-se em Inglaterra quando a França depôs as armas. A sua energia de militar e a sua decisão de patriota indicaram-lhe um outro caminho. Apresentou-se ao govêrno britânico decidido a iniciar um movimento que agrupasse os seus compatriotas que optavam pela resistência.

De Gaulle e os seus colaboradores

O general De Gaulle é hoje o chefe incontestado do movimento da França Livre. Os seus colaboradores usam, para o tratar, uma designação significativa: chamam-lhe simplesmente «o General». Alguns dêsses colaboradores têm, na hierarquia militar, uma posição superior à sua. Nem por isso deixam de lhe prestar juramento de obediência.

O principal, de entre êles, é o general Catroux, antigo governador geral da Indochina. Quando os acontecimentos se precipitaram em França, tomou a iniciativa de vir observar pessoalmente o que se passava. Destituído das suas funções, em que foi substituído pelo actual governador, almirante Decoux, deu a sua adesão a De Gaulle durante as primeiras horas do movimento. O general Le Gentilhomme é um perito da guerra colonial tendo prestado, durante a sua carreira, serviços em quási todos os pontos do Império francês. Ainda recentemente, durante a campanha da Síria, foi ferido em combate. Como Le Gentilhomme, o coronel De Larminat é um perito das campanhas coloniais em que se especializou e ganhou reputação.

Outro colaborador próximo do general De Gaulle é o seu camarada Marcial Valin, que se encontrava no Brasil quando da assinatura do armistício. Recebeu um convite do seu govêrno para continuar no pôsto que ocupava. Não aceitou o convite e seguiu para África. É actualmente comandante das fôrças aéreas da França Livre.

O general de brigada Ernest Petit, chefe do Estado Maior das fôrças livres francesas em operações, era adido militar no Paraguai. Quando se deu o colapso da França, escreveu a De Gaulle uma carta pondo-se ao seu serviço e acrescentando ao oferecimento a seguinte declaração, que dá uma ideia exacta do conflito travado no espírito e na consciência de tantos dos seus compatriotas: «Quando um homem é obrigado a escolher entre dois deveres que se oferecem na sua frente, deve preferir o mais árduo e arriscado».

O coronel Philibert Collet encontrava-se na Síria comandando importantes fôrças de cavalaria quando se iniciaram ali as hostilidades. Aproveitou essa circunstância para afirmar a sua solidariedade com o movimento do general De Gaulle. É muito conhecido nos meios militares franceses. Foi ferido em combate muitas vezes.

O comando das fôrças navais da França Livre é exercido pelo almirante Émile Henri Muselier. Pouco depois da assinatura do armistício foi afastado do serviço pelo ministro da Marinha, almirante Darlan. Refugiou-se, então, em Inglaterra incorporando-se no movimento do general De Gaulle.

Numerosos franceses refugiados nos Estados Unidos, entre os quais se contam alguns intelectuais, escritores, professores e jornalistas, colaboram activamente com os franceses livres. Nenhum nome da política militante apareceu ainda nos registos do movimento que, segundo a declaração do seu chefe, abrange monárquicos e socialistas, republicanos moderados e republicanos radicais.

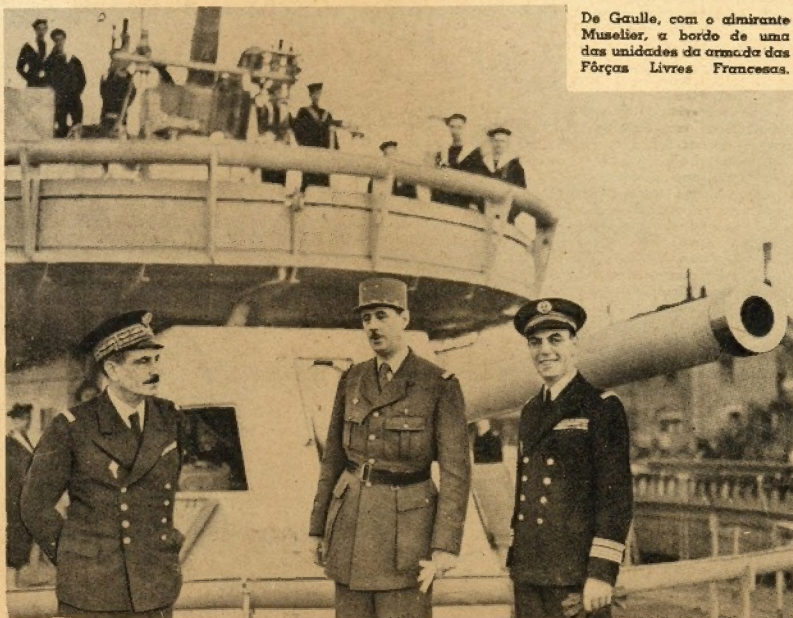
De Gaulle teve o cuidado de acentuar que a causa que chefia não deve assimilar-se a um movimento político. Quis, simultâneamente, acentuar o seu carácter militar para que, no caso de se verificar uma vitória dos seus aliados inglêses, a França possa escolher o sistema de govêrno que melhor lhe convem.

O Império Colonial Francês

O general De Gaulle defendeu, desde o início da sua acção, o princípio da integridade do Império Colonial francês. Era opinião sua que a derrota militar na metrópole, implicando, num prazo mais ou menos curto, a colaboração do seu país com os vencedores, traria repercussões inevitáveis nos pontos afastados do globo onde se tinha firmado a soberania francesa. E entendia também que só uma cooperação estreita com a Grã-Bretanha, grande potência marítima com interêsses intercontinentais e oceânicos, dando lugar à protecção da esquadra inglêsa, era de molde a salvaguardar os fundamentos dessa soberania.

Os esforços dos delegados do general De Gaulle, apoiados no prestígio e no auxílio da Grã-Bretanha, tendo ao seu serviço poderosos instrumentos de propaganda, fizeram-se, por isso, sentir, desde o verão do ano passado nas colónias francesas de África. A reacção das populações, influenciadas pelos colonos, variou sensivelmente consoante a posição geográfica dessas colónias e a sua proximidade ou o seu afastamento do território metropolitano.

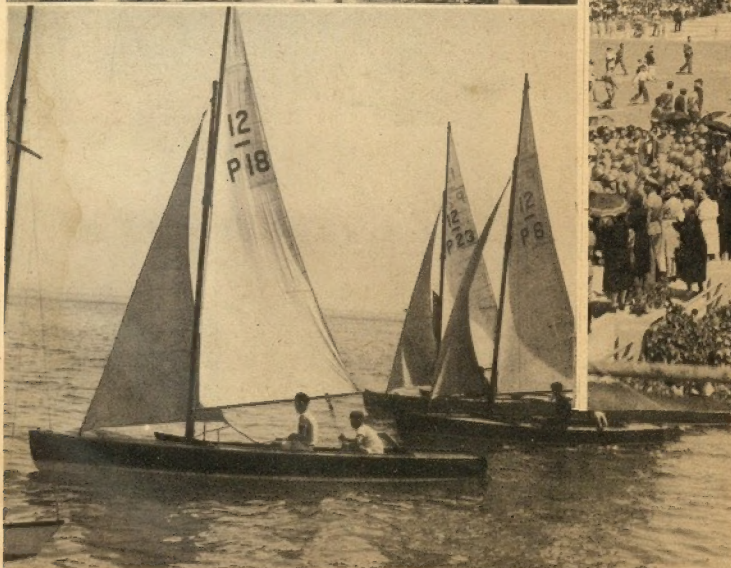
A África Equatorial francesa, que depende essencialmente das comunicações marítimas asseguradas por uma linha costeira britânica, deu imediatamente a sua adesão ao movimento da França Livre cujos delegados passaram a superintender nos cinco territó-

(Conclui na pág. 12)

De Gaulle, com o almirante Muselier, a bordo de uma das unidades da armada das Fôrças Livres Francesas.

A 11ª Pedra do colar da Princesa Margarida de INGLATERRA

A PRINCESA MARGARIDA DE INGLATERRA fêz, no dia 21, onze anos. O aniversário foi celebrado na maior intimidade, no campo, com a presença dos reis e de sua irmã, a Princesa Isabel. Nesse dia, a Princesinha recebeu como prenda a décima primeira pérola do seu colar que ficará completo no 21.º aniversário. Dentro de três anos, sua irmã, a Princesa Isabel, herdeira presuntiva da coroa inglêsa, atingirá a maioridade. No entanto, por determinação do Rei, que não deseja ver a sua filha exposta prematuramente aos efeitos da publicidade, os jornais só raramente publicam os seus retratos e muito pouca gente, fora dos círculos familiares, tem lidado com ela, o que faz com que a «Menina mais importante de Inglaterra» seja uma pessoa muito pouco conhecida, mesmo no seu próprio país. A Princesa não acompanha a «vida de guerra» da Côrte. Na província, em companhia de sua irmã, leva uma vida semelhante à de qualquer menina inglêsa de boas famílias, com a diferença de que não vai à escola, dando as suas lições em casa, com quatro professoras dirigidas por uma preceptora escocesa. Os seus estudos foram delineados pelo próprio Rei, de acôrdo com os seus Ministros. Aprende as mesmas disciplinas que são ensinadas às outras meninas inglêsas e, além dessas, tudo quanto diz respeito à Constituição e ao Império Britânico. Assim, quando, um dia, fôr obrigada a exercer as funções do seu alto cargo, já estará ao facto de algumas das dificuldades que terá de resolver. A Princesa Isabel só uma vez usou o coronete de Princesa Real, quando da coroação de seu pai, e nunca mais o tornará a usar, pois essas insígnias só se usam nas coroações dos Reis e a próxima coroação que haverá, em Inglaterra, será, se tudo correr normalmente, a sua própria. Anda, em geral, em cabelo e os seus vestidos são tudo quanto há de mais simples. Não costuma usar joias, possuindo apenas um bracelete e um relógio de pulso, de oiro, dádiva de seus pais. Quanto à princesa Margarida, a sua educação está sendo, em tudo, semelhante à da irmã. É escoteira e o seu maior divertimento é conduzir a sua «charrete», puxada por um «poney». As duas princesas trabalham todos os dias no amanho da sua horta, algures, em Inglaterra, num terreno que já foi lindo jardim de flores e produz actualmente nabos e cebolas para a alimentação da Família Real. Nas fotos vemos: em cima: As Princesas no campo. Em baixo: a Rainha de Inglaterra com as filhas. (Fotos «Britanova»).

Acontecimentos da SEMANA

ASPECTO GERAL do Terreiro do Paço durante a parada geral das fôrças da Guarda Nacional Republicana quando da condecoração dos melhores cabos e soldados daquela corporação.

À ESQUERDA — Em cima, o sr. Parente de Figueiredo fazendo, na Associação Comercial do Pôrto, a sua palestra sôbre ataques aéreos; em baixo, um aspecto das regatas efectuadas no domingo em Paço de Arcos. **À DIREITA** — As ornamentações do largo e mosteiro de Mafra na partida das tropas para os Açores.

«SR. PRESIDENTE. TENHO A HONRA DE LHE ENTREGAR UMA CARTA DE SUA MAJESTADE O REI JORGE VI» — declarou Churchill, após os cumprimentos oficiais, no momento mais emocionante do histórico encontro do Atlântico. Eis a foto mais expressiva da conferência — que foi um dos assuntos mais palpitantes do momento internacional. A cena passa-se no cruzador americano «Augusta», no Atlântico ocidental. Roosevelt dá o braço a seu filho, o capitão Elliott Roosevelt. Ao lado, Sir Alexander Cadogan, secretário de Estado permanente dos Negócios Estrangeiros, e um oficial da Armada norte-americana. Churchill havia desembarcado do cruzador inglês «Principe de Galles».

O historico encontro CHURCHILL-ROOSEVELT em pleno Atlântico

NA PARTIDA PARA OS AÇORES DO DESTACAMENTO DA ESCOLA PRATICA DE INFANTARIA DE MAFRA — O sr. dr. Oliveira Salazar, na sua qualidade de Ministro da Guerra, passa revista às tropas formadas no Terreiro do Paço, acompanhado pelo subsecretário de Estado daquela pasta, sr. capitão Santos Costa, e por outras conhecidas e altas individualidades militares.

ASPECTO DRAMATICO DA LUTA SEM MERCÊ QUE SE TRAVA NOS MARES: Os náufragos de um navio torpedeado são salvos por um barco mercante que lhes surge por milagre quando já se julgavam irremediàvelmente perdidos

O que é o movimento das Forças Livres de De Gaulle

por CARLOS FERRÃO

(Conclusão da página número oito)

rios que a compõem: Camarões, Tchad, Jabão, Congo e Ubangi Shari. Passou a formar um bloco territorial com o Congo belga, que também fêz causa comum com a resistência britânica, e que ocupa uma área extensissima no coração do continente negro.

No decurso do último ano, adoptaram uma atitude idêntica mais as seguintes colónias francesas da Ásia e da Oceania: Nova Caledónia, Tahiti, Tuamotu, as Marquesas e o arquipélago Austral e as feitorias da India. Finalmente, a recente campanha do Próximo Oriente, conduzida em colaboração pelos soldados do Império britânico e pelos franceses livres, colocou sob a jurisdição dêstes últimos os territórios sob mandato da Siria e do Libano.

O reconhecimento americano

As declarações recentes do marechal Pétain e do almirante Darlan e a afirmação dêstes dois chefes da França, segundo a qual a politica de colaboração com o Reich, iniciada em Montoire, prosseguiria e seria levada até às suas últimas conseqüências, agravaram as relações, já há muito tensas, entre os governos de Washington e de Vichy. As diligências do almirante Lehay nesta última cidade não conduziram a qualquer resultado. A França escolheu uma politica de cooperação na base continental de preferência a juntar os seus esforços aos do bloco anglo-saxão.

A Imprensa norte-americana e alguns dos elementos mais representativos nos meios politicos dos Estados Unidos exigem, como medida de efeitos imediatos, o reconhecimento do movimento militar que o general De Gaulle dirige. Um acto dessa transcendência acarretaria, como é fácil calcular, conseqüências imprevisiveis.

A França tem depositados nos cofres dos Estados Unidos ou na Martinica os seus recursos em ouro. Se êles fôssem transferidos para a posse do general De Gaule êste passaria a ter à sua disposição um instrumento de luta de valor apreciável. Os seus colaboradores poderiam negociar, à sombra da lei de empréstimo e de arrendamento, o fornecimento de material de guerra em grandes quantidades. O seu prestigio internacional apareceria, além disso, sensivelmente aumentado. Deixaria de figurar, no xadrez internacional, como uma expressão de rebeldia para se transformar num novo factor com que haveria a contar, não apenas em Londres, mas também em Washington. Estas considerações têm evitado até agora uma rotura entre franceses e americanos.

Os franceses livres, que escolheram para simbolo da sua causa a Cruz da Lorena e a divisa «Honra e Pátria», dispõem actualmente dum pequeno exército, quási exclusivamente composto de contingentes coloniais, avaliado em quarenta mil homens, têm ao seu serviço 17 navios de guerra de pequena tonelagem e dispõem duma esquadra aérea de mil aparelhos.

NUMA CERIMONIA SIMPLES, MAS DE ALTO SIGNIFICADO, o sr. ministro do Interior condecorou os melhores cabos e soldados da G. N. R.. A foto mostra-nos o sr. dr. Mário Pais de Sousa colocando a medalha ao peito dum dos condecorados. A seu lado, o sr. general Monteiro de Barros, comandante geral da G. N. R.. À direita, o sr. tenente-coronel Gomes Vieira.

UM ASPECTO DA ENTRADA PARA O «MOUSINHO» DAS 45 CRIANÇAS REFUGIADAS que há dias chegaram a Lisboa e seguiram para a América.

Panorama Internacional

A guerra intercontinental

por Francisco Velloso

O cabo dos oito dias seguintes à conferência entre Roosevelt e Churchill, há a impressão geral de que, como antes das grandes estreias, se procede, cautelosa e calculadamente, a uma revisão de valores e de possibilidades, e de que, talvez por êste motivo — não obstante a incontestável superioridade de posições ofensivas adquirida pela Inglaterra e seus aliados neste meado de 1941, em relação às que ocupava nos dois anos anteriores — o ritmo de aceleração que se apercebia por actos e palavras dos governos do bloco anti hitleriano (tão impressivo que chegou a deixar prever uma antecipação nas datas eventuais do desfecho do conflito) descaiu um tanto, tornando a colocar diante do mundo a antevisão do prolongamento da guerra.

Dado o dispositivo internacional das fôrças em presença, dado o alastramento do conflito a todos os quadrantes, hão-de sobrevir necessàriamente sucessos mais sensacionais e de mais extensa repercussão, mas não é lícito admitir que a ingência da máquina exija para ser posta a funcionar um ajustamento de peças e uma redistribuïção de pessoal.

O GRANDE ARSENAL

BEAVERBROOK

A primeira manifestação feita depois da famosa entrevista do *Potomac*, coube a Roosevelt no dia 20, em declarações à Imprensa. Dias havia que um acto de sabotagem praticado por espiões e isolacionistas, segundo averiguadas suspeições da polícia norte-americana, destruiu uma vasta zona do pôrto de Nova Iorque onde navios de carga se preparavam para partir em «combóios», em direcção à Grã-Bretanha.

Lançou o Presidente à América um aviso de homem que não está disposto a retroceder na sua política; «a guerra continuará, se fôr preciso, pelo ano de 1943». E, a seguir, recordando palavras de Lincoln na Guerra da Sucessão, parafraseou-as assim: «A nossa gente ainda não compreendeu que é preciso estarmos decididos a combater». A Inglaterra e os Estados Unidos não devem alimentar falsas ilusões, nem tomar a resistência russa como pretexto para abrandarem os seus esforços.» Tais palavras do Presidente revelam com prudência a verdadeira situação dos Estados Unidos em correlação com a da Inglaterra e com a resistência russa. O esfôrço produtor da grande e farta república americana entrou numa fase que, a-pesar de intensiva, ainda não corresponde às necessidades ofensivas que a evolução da guerra há-de impor aos aliados. Lord Beaverbrook declarou a insuficiente e fêz notar a carência de *tanks* e bombardeiros.

Antes, o Presidente convocara os representantes e chefes do Congresso a uma reünião secreta e expôs-lhes o que, em substância, se passou nas suas conferencias com Churchill e, conquanto aos jornalistas ocultasse o seu modo de ver acêrca da situação no Pacífico, notificou-os, segundo transpirou, de que o maior perigo de guerra para os americanos está no Extremo Oriente, onde o Japão, arriscado a ter de combater em três frentes, delonga, sob a pressão do bloqueio, a sua decisão.

Continuam portanto os Estados Unidos a ter, pelo seu potencial de fabrico industrial e pela sua proeminente influência nas duas Américas, a função que lhes foi reservada, e em certo modo escolheram, incumbindo lhes olhar ao problema no Pacífico, abastecer a Inglaterra e aprovisionar de material a Rússia.

E eis o problema central que prolongará a guerra para 1942 e, se fôr preciso, para 1943, segundo a resoluta declaração de Roosevelt.

OS RECURSOS DA RESISTÊNCIA

GOERING

Por sua vez, além de comentários pouco expressivos da Imprensa e de uma apreciação genérica da Wilhelmstrasse, que apenas desafiou o bloco anglo-americano a vir desarmar a Alemanha ao continente (Hitler persiste silencioso há bastante tempo) e se arrojou a ostentar contentamentos pela declaração dos oito pontos, foi a Goebbels, numa entrevista ao *Informaciones* de Madrid, que pertenceu o papel de primeiro porta-voz da manifestação do Reich acêrca daquele histórico documento. Goebbels fêz uma descrição do panorama geral da guerra, mesmo no terreno da aviação, talvez por impedimento do marechal Goering ou do general Milch.

Acentuando que a Inglaterra depende econòmicamente dos Estados Unidos e dos Domínios, alegou Goebbels que o Reich pode abastecer-se ainda por via terrestre, e, reportando-se certamente, a projectos anteriores, a que já temos feito referência, confirmou que «em breve tôda a Europa trabalhará efectivamente para o *Eixo*», marcando assim, com relativa clareza, sobretudo depois que a guerra com a Rússia privou o Reich de muito notável parte de abastecimentos assáz valiosos, qual a forma como a Alemanha entende responder à pressão resultante dum prolongamento envolvente da guerra pelo esfôrço comum norte-americano, inglês, russo e chinês, mediante uma reorganização da sua própria resistência económica baseada no trabalho de tôda a Europa submetida, amiga ou simpatizante com o Reich.

Acêrca da campanha da Rússia e do aproveitamento do desgaste causado por ela, pela aviação britânica, Goebbels acorreu com a seguinte explicação ao povo alemão e com uma promessa de desforra aos seus adversários: «A guerra contra a U. R. S. S., e isto é que se não deve esquecer, é a condição primordial da luta final contra a Inglaterra. Esta guerra contra a União Soviética foi necessária. E chegará o dia em que a Inglaterra deverá pagar caro as suas incursões nocturnas contra os bairros de habitação das cidades alemãs».

Margesson, sub-secretário da guerra no gabinete inglês, encontrará nestas palavras o refôrço dos avisos — aliás já feitos quanto ao próximo Setembro por Churchill — por êle dados ao povo inglês de que não afrouxasse as suas energias contra um possível assalto do adversário às ilhas. Há de facto quem o repute difícil, e há até quem só encontre para o assombroso armamento da Inglaterra como única explicação as preparações indispensáveis para oportunos desembarques de fôrças no continente. Setembro é realmente, um mês favorável no Mar do Norte. Foi durante êle que Hitler projectou a grande invasão há um ano, e, se pudesse, o novo comando da aviação alemã, não deixaria fugir a ocasião de repetir o tentame, contra o qual a R. A. F. esbraveja dia e noite com violentíssimos bombardeamentos.

Até onde vão as possibilidades de tal façanha, não é, porém, fácil determiná-lo neste momento, em que todos os olhares prescrutam sôbre o mapa do Mundo os pontos de explosão, e em que a campanha da Rússia está distante de seu termo, a despeito dos avanços alemãis, tão incontestáveis como a dura resistência moscovita em tôdas as armas.

LARGO CIRCUITO

MARGESSON

Von Runstedt, cumprindo a missão recebida, atingiu a foz do Dnieper, rio por de trás do qual o marechal Budienny, com a mobilidade de manobra de que já deu provas há muito, veio colocar o grosso do exército em retirada. A invasão, deixou de ter, pelo menos imediatamente, objectivos políticos (Moscovo) e transformou se num ataque por duas alas extendido em repercussões por uma frente de 1.200 quilómetros, com finalidade exclusivamente militar. É a terceira ofensiva do exército alemão, consecutivamente lançada sôbre as duas primeiras e à qual certamente o estado-maior há de procurar dar a maior eficiência antes das invernias que bem cêdo começam no leste europeu.

Isto, porém, não obsta a que a Alemanha intente aprofundar, em outros teatros da guerra, os seus ataques.

A presença dos alemãis no Mar Negro fêz já com que se travasse em Ankara uma batalha diplomática possìvelmente inacabada. A diligente declaração colectiva russo-inglêsa acêrca da intangibilidade dos Estreitos, permitiu já à Turquia fechá-los à navegação italiana e obstar assim a que, a não ser por portos búlgaros (pois os romenos estão destroçados), cheguem por via marítima reforços às tropas alemãs. Von Papen, tendo como única arma um acôrdo comercial turco-alemão, sofreu manifesto desaire, e chegou a falar-se na sua partida definitiva para Berlim.

Neste meio tempo, foi o argulo diplomata a Teherão, sem dúvida para acudir à primeira injucção russo-britânica para a retirada dos alemãis. O govêrno persa deu a esta uma resposta de subterfúgio, e Londres e Moscovo tiveram de a repetir, exigindo factos e não palavras. Entretanto, a Pérsia mobilizou, o que prova que os alemãis não dormem ali. À segunda intimativa, a Pérsia propôs um compromisso — «não inteiramente satisfatório», dizem da capital britânica — donde se fitam continuamente, com tanto interêsse como os alemãis, os jazigos de petróleo, tão valiosos para a Inglaterra como as comunicações com as Índias. Quanto demorará esta dilacção, que se diz preconcebida, para lançar um ataque germano persa sôbre o Iraque, incendiando de novo o Próximo Oriente e provocando deslocamentos das fôrças imperiais no Egipto onde, por sua vez, os alemãis passariam à ofensiva já anunciada por Stimson, em Washington, no dia 15?

A ÁFRICA EM FOCO

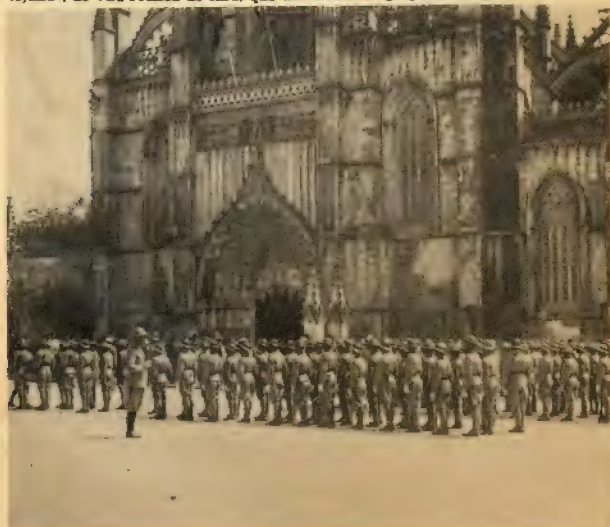
STIMSON

A Alemanha prepara uma ofensiva em África, disse o secretário da guerra norte-americano. Roosevelt já combinou com a *Pan-American* o envio directo de aviões, diz-se que pela Trindade e a Serra Leôa, para o Médio Oriente — resolução que também pode ter sido tomada para fornecer apetrechamento aéreo às bases de De Gaulle e inglêsas. E o facto do govêrno brasileiro repelir o pedido de autorização para as carreiras aéreas francesas (?) descerem no seu território, em vôos transatlânticos, mostra iniludìvelmente como a solidariedade da América do Sul com a do Norte se fortaleceu, se actos de repressão contra os alemãis não se tornassem visíveis desde a Argentina ao México e a Cuba, a comprová-lo, com uma eloqüência que não poderá passar despercebida a todos os interêsses que nas margens do Atlântico estão a debater-se.

FAZ AGORA UM ANO QUE COMEÇOU A BATALHA DA INGLATERRA. Os bombeiros de Londres foram, noite e dia, durante muito tempo, dos melhores soldados ao serviço da sua Pátria.

Bombeiros de LONDRES

OS REPRESENTANTES DO GRÉMIO DOS BANCOS E CASAS BANCÁRIAS E DOS RESPECTIVOS SINDICATOS DE LISBOA, PÔRTO, COIMBRA, BRAGA E VISEU assinaram, na presença do sr. dr. Trigo de Negreiros, subsecretário de Estado das Corporações, as alterações ao contracto colectivo celebrado em 1938.

O ALMOÇO DE HOMENAGEM AO SR. FAUSTO DIAS, director da «Vida Ribatejana», de Vila Franca de Xira, que um numeroso grupo de amigos lhe ofereceu.

UM ASPECTO DAS CERIMÓNIAS comemorativas da festa nacional de Aljubarrota.

DOIS ASPECTOS DO CONCURSO DO TRAJE REGIONAL na romaria da Senhora da Agonia em Viana do Castelo. Em cima: o par de Santa Marta, que foi aquele que, muito justamente, obteve o primeiro prémio.

O mercado dos noivos em MONASTIR

EM MONASTIR, cidade sérvia junto da fronteira da Grécia, o casamento é um acto absolutamente comercial. O noivo ou a noiva compram-se no mercado — como uma galinha.

O MERCADO DOS NOIVOS é muito freqüentado. Vem gente de todos os pontos da região, a pé ou de carro. Os rapazes e as raparigas em idade de casar formam ao centro do terreno...

...ÊLES E ELAS, vestidos com os seus melhores trajos, ao gôsto regional, tomam então parte numa espécie de dança de roda...

...FAZEM-SE ENTÃO AS «COMPRAS». O preço varia conforme a «mercadoria»... Mas o mercado fecha sempre, em geral, a contento de tôda a gente.

DESFEITO O MERCADO, «compradores» e «comprados» seguem, a caminho dos seus novos lares. E tudo se passa sem complicações.

(Fotos especiais para «Vida Mundial Ilustrada»)

novos 'tanks' INGLÊSES

OS NOVOS «TANKS» INGLÊSES DO TIPO «VALENTINE III» são reputados pela sua velocidade e pelo seu fácil manejo. A sua potência de fogo é considerável, não só devido ao calibre do canhão com que são armados, mas também por motivo da tôrre rolante de novo tipo. Damos nesta página algumas fotos tiradas durante exercícios efectuados recentemente nos campos da Inglaterra e nas «frentes» de Africa.

Actualidades da ROMÉNIA

ASPECTO DA ORNAMENTAÇÃO FESTIVA DAS RUAS DE BUCARESTE. Ao lado dos retratos de Hitler e Mussolini, vêem-se as fotos do Rei da Roménia e do general Antonesco. À direita: Em cima, o rei Miguel. Em baixo, Miguel Antonesco, presidente do Conselho interino, com outros membros do Govêrno e altas entidades oficiais.

NAS RUAS DAS CIDADES ROMENAS houve uma cerimónia chocante. Em dado momento, a circulação parou, e o povo fêz as suas orações pelos soldados romenos mortos em batalha.

AS AUTORIDADES RELIGIOSAS e as delegações dos países amigos durante a cerimónia piedosa recentemente efectuada junto ao monumento aos heróis da guerra — mortos ao serviço da Pátria.

A esquadra Americana patrulha o Atlântico.